

11

LISBOETAS
CONVIDAM A PENSAR

António Mega Ferreira

António Nóvoa

Fátima Barros

Francisco Maria Balsemão

Francisco Teixeira da Mota

José Félix Ribeiro

Luis Magalhães

Luisa Schmidt

Maria João Valente Rosa

Mário Cordeiro

Teresa Barata Salgueiro

CONHECER LISBOA PARA VIVER A CIDADE

11

LISBOETAS
CONVIDAM A PENSAR

CONHECER
LISBOA
PARA VIVER
A CIDADE

PORDATA



Título: **11 Lisboaetas convidam a pensar**

Design e paginação: **Guidesign**

Impressão e acabamentos: **CML**

Depósito Legal n.º

isbn: **978-989-8424-95-2**

ÍNDICE

- 5 □ António Barreto
Retrato de Lisboa
- 7 ■ António Mega Ferreira
Em crescendo
cultura
- 9 ■ António Nóvoa
Lisboa não é só Lisboa
educação
- 11 ■ Fátima Barros
Lisboa: espelho de modernidade e de crise
emprego
- 14 ■ Francisco Maria Balsemão
Lisboa na rota da inovação
empresas
- 16 ■ Francisco Teixeira da Mota
Gráficos Lisboetas
justiça e segurança
- 18 ■ José Félix Ribeiro
Lisboa – interação entre dinâmicas de transformação social e da urbanização
protecção social
- 21 ■ Luís Magalhães
Lisboa, Futura “Cidade Inteligente”?
tecnologias de informação e comunicações
- 24 ■ Luísa Schmidt
Lixos e cidadania – das recolhas ao bairro
ambiente, energia e território
- 26 ■ Maria João Valente Rosa
Quantos somos em Lisboa
população
- 28 ■ Mário Cordeiro
Saúde em Lisboa
saúde
- 31 ■ Teresa Barata Salgueiro
Lisboa com espaços para viver
habitação e condições de vida

Retrato de Lisboa

Esta iniciativa da Fundação Francisco Manuel dos Santos foi suscitada pela Câmara Municipal de Lisboa. Depois de a PORDATA ter editado o “Retrato de Portugal” para 2009 e 2010, rapidamente se verificou que manuais do mesmo género, simples, condensados, portáteis e compreensíveis, seriam de muito interesse para os habitantes, estudiosos e visitantes da cidade capital. Eis o resultado! Com os dados que a equipa da Pordata recolheu para a evolução e a situação da cidade de Lisboa (assim como para todos os municípios portugueses), foi possível traçar as linhas gerais e os contornos deste município. A realidade humana, social e económica fica aqui desenhada. É verdade que nenhuma estatística resume uma cidade, nem sequer uma pessoa. Como também é verdade que todas as estatísticas merecem análise e interpretação. Mas não deixa de ser certo que o melhor conhecimento de uma cidade, da sua história, da sua geografia, das suas ruas, dos seus locais famosos e dos seus sítios misteriosos não dispensa o conhecimento quantitativo, tão objectivo quanto

possível. Para ultrapassar a frieza dos números, pedimos a algumas pessoas que nos ajudassem a pensar e a conhecer a cidade com as suas experiências e os seus gostos pessoais. Basta ler estes breves textos para perceber que a riqueza de uma cidade reside na sua diversidade, na multiplicidade de sentidos e na variedade de sentimentos. Esperemos que este livrinho permita um pouco mais de conhecimento da capital. E que Lisboa fique um pouco mais próxima de nós.

António Barreto

Presidente da Fundação Francisco Manuel dos Santos

Em crescendo

[António Mega Ferreira]

Escritor

O aumento da procura de bens culturais em Lisboa e na Grande Lisboa, na última década, aparece perfeitamente documentado nos números de que agora dispomos. Mas os números identificam tendências, não as explicam. Se, em absoluto, os números de visitantes de museus e galerias de arte crescem significativamente, acompanhando o aumento da oferta disponível, já os que se referem à frequência e ao número de espetáculos ao vivo merecem ser ponderados: o enorme crescimento (quase triplicando) do número de espetáculos ao vivo ilustra a tendência para descentralizar a produção deste género de entretenimento, tendo aparecido, nos primeiros anos do século, um rico tecido criativo (e/ou de distribuição e promoção) nas comunidades outrora consideradas suburbanas, mas integradas na Grande Lisboa. Se os números pudessem ser desagregados, certamente encontraríamos uma “explosão” dos espetáculos ligados à criação musical, com predomínio das músicas urbanas, pop-rock, músicas do mundo, jazz, hip-hop, rap...

Este indicador revela uma vitalidade crescente das artes musicais, entre nós. E um crescimento da procura em linha com o sucesso continuado dos grandes festivais e concertos dedicados

a este tipo de música. O mesmo, aliás, poderia ser encontrado se analisássemos os números em busca dos resultados relativos à música chamada erudita, naturalmente mais modestos: o aumento do número de espetáculos é acompanhado pelo aparecimento de novas orquestras, *ensembles* e intérpretes, embora seja duvidoso que o número de espetadores tenha aumentado na mesma proporção.

O aumento destas categorias de espetáculos ao vivo pode ser responsável, pelo menos em parte, pela diminuição do número das sessões de cinema (e conseqüente diminuição do número de espetadores) no concelho de Lisboa. Mas um olhar mais fino detetará um crescimento paralelo num concelho limítrofe (o de Oeiras), sugerindo que o fenómeno de desconcentração da oferta cultural acima referido se verificou também em relação a este tipo de espetáculo, vindo juntar-se à generalização do *home cinema* e do acesso aos filmes em suporte digital. O perfil dos consumos culturais na cidade de Lisboa parecia assim estar a alterar-se, na primeira década do século. A grande incógnita é saber qual o impacto que a crise económica vai ter sobre o significativo crescimento aqui encontrado, designadamente quanto aos espetáculos ao vivo, os que mais dependem do dinamismo da procura e da capacidade de risco dos promotores. ■

Lisboa não é só Lisboa

[António Nóvoa]

Reitor, Universidade de Lisboa

A educação na cidade. Neste caso, os números não deixam dúvidas. Lisboa tem 548 mil habitantes e, nos vários níveis de ensino, estudam na cidade 245 mil alunos. Se considerarmos ainda a formação que se realiza para além da escola, compreendemos a importância das actividades de educação e cultura na vida da cidade.

- *Lisboa, cidade universitária.* Lisboa é a grande cidade universitária de Portugal e uma das principais da Europa. Tem tantos estudantes do ensino superior como o Porto, Coimbra, Braga e Aveiro, em conjunto. É preciso tomar consciência deste facto e inscrevê-lo na forma como a cidade se pensa e se organiza. O futuro de Lisboa está na educação superior, na valorização das pessoas e do conhecimento, na criação e no uso inteligente da tecnologia.

- *Um ambiente limpo.* A mobilidade, a renovação das energias ou as questões ambientais são temas obrigatórios. Não se trata, como no passado, de imaginar novos lugares utópicos, mas antes de repensar as “realidades que já existem”. A ciência e a tecnologia são fundamentais para desenhar as soluções de que as cidades precisam.

• *Um espaço de proximidade.* Na Europa, 75 por cento das pessoas vivem nas cidades. Em vez das pequenas comunidades, a escolha das cidades faz-se, muitas vezes, pela vontade de independência e de liberdade. Hoje, a cidade necessita de criar proximidade, de se adaptar aos idosos, de combater os guetos e a pobreza. O compromisso intergeracional e a consciência social são elementos centrais da urbanidade, no duplo sentido do termo.

• *Um lugar de convivialidade.* A vitalidade da cidade está na cultura e na comunicação, na segurança de estarmos permanentemente em contacto, desde que isso não limite a liberdade. As novas formas de convivialidade são, também, novas formas de presença e de participação política. A importância da “rua” e a emergência do “espaço público” anunciam um novo papel da cidade na organização da democracia.

• *Lisboa não é só Lisboa.* Lisboa tem uma situação única – na terra e no mar. Tem uma história única – no passado e no futuro. Lisboa deve encarar a sua centralidade e as suas características – bem patentes neste Retrato da Pordata – como uma imensa responsabilidade. Perante a língua e a cultura portuguesa. Perante o desenvolvimento do país. Perante a abertura de Portugal ao mundo.

• *Diferença e liberdade.* O que nos atrai numa cidade é, irresistivelmente, a existência de muitas vidas, diferentes e distintas. Queremos a tecnologia ao serviço da autonomia e da independência, não do controlo e da normalização. A cidade é feita de histórias. De dia e de noite. Dentro e fora de portas. A diversidade das pessoas e a liberdade do conhecimento estão a transformar Lisboa. ■

Lisboa: espelho de modernidade e de crise

[Fátima Barros]

Professora Universitária, Economista

Lisboa é o espelho da transformação que Portugal sofreu nos últimos 25 anos: tal como o País, Lisboa renovou-se, modernizou-se e é hoje uma cidade atrativa, considerada uma das 50 melhores cidades do mundo em termos de qualidade de vida.

Em 50 anos Lisboa sofreu também uma alteração profunda em termos de atividade económica: se em 1960 apenas 65% da população da cidade trabalhava no setor terciário, em 2011 essa percentagem já tinha atingido os 90%. Em contrapartida, a população empregada no setor secundário reduziu-se de 30% para 10% no período entre 1960 e 2011.

Lisboa foi mudando, em parte, fruto também de uma alteração estrutural muito importante: a educação. Em 25 anos a população de Lisboa com um grau universitário aumentou de uns escassos 5% para 28%, enquanto a percentagem de lisboetas que não ultrapassou o primeiro ciclo passou de 45% para cerca de 14%. Esta mudança drástica na educação permitiu o desenvolvimento do setor terciário e, sobretudo, contribuiu para uma forte participação das mulheres no mercado de trabalho. Estas constituem, hoje, 52,1% dos trabalhadores por conta de outrem.

A taxa de emprego em Lisboa é semelhante à do resto do País, tal como é semelhante o padrão de 51,8% de taxa de emprego entre os homens e de 45% entre as mulheres. Contudo, a mulher em Lisboa continua a sofrer uma forte discriminação salarial associada ao género: o salário médio das mulheres (1.284€) é apenas 75% do salário médio dos homens (1.719€). Curiosamente, esta discriminação é mais acentuada em Lisboa do que na média do País (dados de 2009), o que pode refletir uma diferença acentuada entre o nível de qualificação por género.

Os salários são globalmente mais elevados na grande cidade: em termos de salário médio, os homens ganham mais 59% e as mulheres mais 43% do que a média do país. O nível médio de educação da população, sendo superior em Lisboa, deverá ser um dos fatores responsáveis por esta assimetria.

Nos últimos anos, a crise do desemprego atingiu o País de uma forma implacável. Em Lisboa a taxa de desemprego entre os homens (13,2%) é claramente superior à taxa de desemprego entre as mulheres (10,6%). O desemprego atingiu mais duramente os homens em Lisboa do que no total do País, onde a média do desemprego masculino ronda os 12,5%. Curiosamente, o desemprego das mulheres segue um padrão dramaticamente oposto: é muito mais elevado no País do que em Lisboa e, sobretudo quando olhamos para as médias nacionais, é muito superior (14%) ao desemprego masculino.

Apesar do grande dinamismo que Lisboa apresentou nas últimas décadas, os jovens são hoje as principais vítimas da difícil situação que Portugal enfrenta: o desemprego entre os indivíduos com menos de 24 anos atingiu os 30% em 2011. Em 1981, este valor não

ultrapassava os 17%. Os jovens são os que mais dificuldades têm em encontrar emprego e, sendo também aqueles que têm mais mobilidade, é de esperar que seja dentro desta faixa etária que, nos próximos anos, se verificarão os maiores fluxos de emigração.

O desemprego é, sem dúvida, a nuvem que se sobrepõe à magnífica luz de Lisboa. ■

Lisboa na rota da inovação

[Francisco Maria Balsemão]

Presidente da ANJE – Associação Nacional de Jovens Empresários

No retrato do tecido empresarial de Lisboa destaca-se, desde logo, a muito maior dinâmica empreendedora da capital em relação quer aos demais concelhos analisados, quer ao todo nacional. Segundo os indicadores estatísticos da Pordata, o concelho de Lisboa concentra mais do dobro das empresas não financeiras quando comparado com o segundo concelho mais empreendedor do *ranking* e representa 8,7 por cento das empresas do País. Esta realidade reflete-se, naturalmente, no número de recursos humanos instalados (16 por cento do total nacional) e no valor acrescentado bruto das empresas (25,8 por cento do VAB do País), indicadores também eles muito superiores aos dos restantes concelhos comparados.

Contudo, o retrato da Pordata diz-nos também que 95 por cento das empresas do concelho integram menos de dez pessoas. Isto significa que, tal como no resto do território, em Lisboa também predominam os pequenos serviços e os negócios de proximidade desenvolvidos por microempresas. Trata-se, em geral, de empresas sem escala, com volumes de negócio reduzidos e com baixa produtividade, que empregam pessoal pouco qualificado e que

comercializam bens/serviços sem valor acrescentado e que não são exportadoras.

Acresce que uma estrutura produtiva muito assente em pequenas empresas, como a de Lisboa, dificulta a incorporação de conhecimento, tecnologia e capital humano. Daí que, numa perspetiva europeia, o concelho apresente ainda volumes reduzidos de investimento em I&D (investigação e desenvolvimento) e escassa massa crítica na área da inovação.

Este cenário, porém, está a mudar. Lisboa começa a reunir um núcleo importante de PME inovadoras, para o qual muito têm contribuído o conhecimento e os incentivos disponibilizados por universidades, centros de ID&I (investigação, desenvolvimento e inovação), parques de ciência e tecnologia, laboratórios públicos e associações empresariais. Apesar do retrato da Pordata ser omissivo em relação a esta matéria, não é arriscado dizer, com base em dados anteriormente divulgados, que Lisboa possui não só o tecido empresarial mais vasto como o mais qualificado do País. Ou seja, aquele que mais investe em ID&I, que tem um maior nível de internacionalização e que emprega recursos humanos mais qualificados.

Mais: Lisboa tem potencial para atrair empresas inovadoras dentro do contexto europeu. Para além do capital humano e de conhecimento que a sua comunidade científica encerra, o concelho oferece bons níveis de qualidade de vida: desde o clima à beleza patrimonial e paisagística, passando pela oferta cultural, pelo ambiente cosmopolita, pela apetecível gastronomia, pela afabilidade da população, pela segurança urbana e pelo baixo custo de vida. ■

Gráficos Lisboaetas

[Francisco Teixeira da Mota]

Advogado

O recente roubo da carteira de um economista do FMI, no eléctrico da carreira 28, permitiu aos lisboetas exercer o seu sarcástico humor sobre a criminalidade, começando por lembrar o clássico provérbio “ladrão que rouba a ladrão, tem cem anos de perdão”...

Mas a criminalidade, para além de poder ser motivo de humor, é também, e sobretudo, origem de muita preocupação e, por isso mesmo, torna-se importante conhecer os dados constantes dos gráficos respeitantes à “Justiça e Segurança” do “Retrato de Lisboa”, que reflectem números dos registos policiais entre 1993 e 2011.

Um dos gráficos revela, em 2010, um imenso número de processos pendentes nas polícias, o que confirma a percepção que temos da enorme lentidão no andamento dos processos criminais; porém, um outro gráfico mostra-nos que em 1993 se iniciaram nas polícias, em Lisboa, mais processos-crime do que em 2010, o que nos faz duvidar do sempre propalado aumento da criminalidade. Convém lembrar que os picos emocionais e mediáticos à volta do aumento da actividade criminal surgem muitas vezes associados a agendas ideológicas com uma solução unidimensional: legislação repressiva.

Outra explicação para a diminuição do número de queixas criminais entre 1993 e 2010, para além da redução da própria criminalidade, é o facto de existir uma convicção mais ou menos generalizada de que “não vale a pena” apresentar queixa.

Convicção que faz todo o sentido, dadas as “taxas de congestão” policial registadas em Lisboa e constantes dos gráficos. As polícias estão empanturradas de processos pendentes e não conseguem dar andamento a muitos dos processos pendentes.

Em 1993, dizem-nos o gráficos, não havia morosidade nos processos criminais. Foi, pois, posteriormente a esse ano que se verificou um enorme aumento dos processos pendentes.

Estes são alguns dos ensinamentos que pode retirar da leitura dos gráficos do “Retrato de Lisboa”. Lisboa é uma cidade fantástica para se conhecer melhor, mesmo em termos de segurança. ■

Lisboa – interação entre dinâmicas de transformação social e da urbanização

[José Félix Ribeiro]

Economista

Observando os dados relativos à Protecção Social ressaltam os seguintes aspetos:

- O concelho de Lisboa tem uma população muito envelhecida, se considerarmos não só o número de pensionistas da Segurança Social e da Caixa Geral de Aposentações e a sua comparação com grandes concelhos quer do norte do país (Porto e Vila Nova de Gaia), quer da Grande Lisboa (Sintra e Loures) mas, e em particular, o valor muito acima da média nacional e da Grande Lisboa da percentagem de pensionistas e na população residente;
- O concelho de Lisboa encontra-se entre os concelhos com maior número de beneficiários do Rendimento Social de Inserção (RSI), embora seja no Norte do País (Vila Nova de Gaia, Porto e Gondomar) que se encontram três dos concelhos com maior número de beneficiários. Em Lisboa, a distribuição entre beneficiários homens e mulheres é quase idêntica;
- Já no que respeita aos beneficiários do subsídio de desemprego, Lisboa volta figurar nos primeiros lugares em termos absolutos, mas com um peso, no total, inferior ao do RSI (embora o número total

de desempregados possa ser maior em concelhos onde a cobertura pelo apoio no desemprego é inferior).

Estes resultados podem ser mais bem compreendidos se tivermos em consideração que os espaços urbanos em Portugal – com destaque para a Área Metropolitana de Lisboa – foram afetados ao longo das últimas décadas por dois grandes processos, que gostaríamos de salientar entre vários outros:

- Uma dinâmica de urbanização extensiva – suburbanização e crescimento para espaços anteriormente periféricos do próprio concelho central.
- Um crescimento acelerado das atividades de serviço viradas para o mercado interno, que gerou oportunidades de emprego, quer para recursos humanos altamente qualificados, quer para uma população jovem escolarizada, mas sem qualificações assinaláveis (nota: *vd.* a população empregada no terciário, no concelho de Lisboa, representava 90 por cento do total).

A terciarização da economia em toda a Área Metropolitana de Lisboa abriu um campo de emprego vastíssimo à mão de obra feminina, tendo generalizado o padrão de emprego de ambos os adultos dos casais. Foi sobre esta base familiar, e contando com uma geração de licenciados de ambos os sexos formados em larga escala no final dos anos de 1960 e na década de 1970, que se criou uma nova classe média, empregada no Estado, na banca, nos seguros e nas grandes empresas dos setores de serviços. Esta nova classe média protagonizou a deslocação para novas urbanizações no concelho de Lisboa e, sobretudo, para o exterior do concelho.

O padrão de desenvolvimento urbano da Área Metropolitana de Lisboa foi assim colocando um cada vez maior número de jovens casais mais longe do centro de Lisboa, enquanto se assistia a uma redução e a um acelerado envelhecimento da população residente no concelho da capital e nele se formava uma bolsa de população com baixa escolaridade, envelhecida e/ou com idades de difícil reentrada no mercado de trabalho e, em muitos casos, sem inserção familiar que a protegesse. ■

Lisboa, Futura “Cidade Inteligente”?

[Luis Magalhães]

Professor do Instituto Superior Técnico

A inovação tecnológica de base científica foi o principal factor de crescimento económico no último século e meio. Tiveram um papel determinante as tecnologias transversais emergentes, como a electricidade no início do século xx e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) a partir de meados desse século, com a invenção do computador digital electrónico. Sobressaem também os progressos, a partir de 1970, em comunicações por fibra óptica, microprocessadores, Internet, computadores pessoais, telemóveis, robots, televisão digital.

As TIC permitiram a comunicação instantânea e o trabalho colaborativo entre quaisquer pontos do globo, bem como o armazenamento e utilização de grandes quantidades de dados. Transformaram profundamente a maneira como as pessoas vivem – como aprendem, trabalham, ocupam os tempos livres e interagem – e são determinantes para as oportunidades económicas e sociais abertas aos cidadãos.

Na economia de hoje baseada no conhecimento e globalizada, as cidades que adquirem vantagens competitivas são as que melhor atraem talentos e oferecem aos cidadãos condições de

aprendizagem e qualificação propícias ao florescimento de novas ideias e a ganhos de produtividade através de actividades de alto valor acrescentado e com elevadas remunerações, no que as TIC têm um papel essencial.

Os valores dos indicadores de TIC de 2011 agora publicados no “Retrato de Lisboa” para o número de alunos por computador nas escolas do ensino básico e secundário e para a utilização de Multibanco revelam uma boa situação. O número de dois alunos por computador nas escolas do ensino básico e secundário é excelente no contexto mundial e deve-se a progressos muito recentes, já que em 2007 era nove e em 2005 era 14. No que respeita à utilização do Multibanco, os valores para Lisboa são consideravelmente maiores do que no resto do país. Os correspondentes benefícios são sentidos no dia-a-dia de famílias e indivíduos, e são especialmente significativos porque, em ambos, Portugal faz parte dos países líderes no mundo.

O acesso dos alunos a computadores e à Internet, nas escolas, é essencial para a apropriação das TIC pela população. É determinante para a inclusão digital, pois assim as TIC chegam a todos os estratos sociais em todo o país. Por outro lado, o Multibanco permite a realização simples de operações bancárias sem deslocações a balcões de atendimento, pagamentos electrónicos a fornecedores de bens de necessidade corrente (água, electricidade, gás, etc.), pagamentos ao Estado, transacções de comércio electrónico e pagamento electrónico de compras em lojas, com grande conveniência para os utilizadores. A economia em tempo e custos de deslocações resultante é considerável para muitos cidadãos. As operações de necessidade corrente que se podem realizar pelo

Multibanco em Portugal, são muito mais do que é comum noutros países. Só na região de Lisboa, o Multibanco é utilizado por mais de 85 por cento das pessoas dos 16 aos 74 anos.

Num estudo publicado em 2011 pelas universidades de Oxford e Oviedo, Lisboa foi considerada a 26^a cidade do mundo e a 18^a da União Europeia (UE) em preparação para aplicações avançadas da Internet (como TV, vídeo e telepresença de alta definição, partilha de ficheiros de grande dimensão, jogos virtuais interactivos), tendo em conta os valores médios de larguras de banda para *download* e *upload* e de latências observados em ligações à Internet. Simultaneamente, Portugal integrou o grupo dos 14 países no mundo e dos seis países na UE melhor preparados segundo os mesmos critérios. Lisboa parece, assim, estar pronta para os benefícios das chamadas “cidades inteligentes” (*smart cities*) que poderão resultar da introdução intensiva de aplicações avançadas de TIC. ■

Lixos e cidadania – das recolhas ao bairro

[Luísa Schmidt]

ICS-UL, Socióloga

Eis um facto assinalável: a recolha selectiva de resíduos urbanos na cidade de Lisboa mais do que triplicou na última década. E o que nos diz isto? Que se conjugou uma melhor consciência pública com um melhor serviço de ecopontos.

Mas será a actual condição de recolha selectiva de lixos satisfatória na cidade de Lisboa? Visto por outro ângulo, o assunto suscita menos euforias. Lisboa dotou-se na última década de um extenso sistema de ecopontos “plantando-os” em quase todas as ruas. A administração central e local investiu em diversas campanhas publicitárias. As escolas colaboraram com os seus projectos de educação ambiental. Mais recentemente iniciou-se, e bem, a recolha selectiva porta a porta em algumas zonas da cidade. Não deveria portanto a recolha selectiva ter sido multiplicada por um factor superior a três?

E os ecopontos? Alguns deles transformaram-se em autênticas mini-lixeiras onde, sob a aparência do lixo separado, se concentra lixo não separado e vários tipos de “monos”, além do desleixo que habitualmente se cria à sua volta entre os restos que saltam de sacos mal acondicionados e a acumulação excessiva de lixo por

falta de recolha atempada – tornando-os tantas vezes um factor de repulsa e de dissuasão para quem separa.

Por outro lado, a separação do lixo une directamente uma prática privada do foro doméstico a um indicador ambiental público interessante. Mas, entre a casa e a estatística, o espaço público continua a permanecer um lugar de inúmeras negligências anónimas e autárquicas.

Olhando para as ruas de Lisboa dificilmente se reconheceria que a separação dos lixos domésticos teve um desempenho tão bom em menos de dez anos. Continuamos a assistir à falência do espaço público, ao enfraquecimento dos serviços públicos de limpeza, ao insuficiente empenho dos edis e à desvinculação dos lisboetas face a um sentido brioso da sua RUA. Um sentido que se vai apagando cada vez mais se não for devolvido à cidadania e às suas vizinhanças um significado cívico da rua e do bairro.

A crise tornou ainda mais importante o registo destes valores, que permitem qualificar a vida e a dignidade sem que tal se traduza em mais uma despesa directa para os beneficiários. Por isso torna-se urgente restaurar e reforçar na cidade todos os valores ambientais: da limpeza das ruas ao trânsito e ao ruído; da reabilitação urbana aos abusos imobiliários; do estado dos pavimentos e passeios ao ar que se respira; da recolha selectiva aos espaços livres, sejam eles verdes ou não.

Uma boa qualidade ambiental, facultando a fruição de bens comuns difusos e espaços públicos cuidados, pode constituir algum consolo para as restrições ao consumo e até salvar-nos da intolerável ruptura com todo o espírito da vida colectiva civilizada que a crise denuncia. ■

Quantos somos em Lisboa

[Maria João Valente Rosa]

Professora Universitária da FCSH/UNL, Demógrafa

Nasci e sempre vivi em Lisboa. Mas a imagem que guardo da minha cidade de há 40 ou 50 anos nada tem que ver com a de hoje. A Lisboa pacata e quase rural – com poucas pessoas e poucos automóveis, em que os vizinhos se conheciam, onde a presença de estrangeiros ficava quase reservada aos períodos mais turísticos e de férias, em que os produtos estrangeiros (praticamente inexistentes) eram muito apetecíveis – deu lugar a uma metrópole cosmopolita e de dimensão verdadeiramente europeia.

No entanto, e para grande espanto de alguns, os factos estatísticos revelam que Lisboa tem menos residentes do que no passado. Nos últimos 50 anos, a população residente em Portugal aumentou 1,7 milhões e Lisboa perdeu, nesse mesmo período, um terço dos residentes de 1960 (tem agora 550 mil). Por outro lado, Lisboa também envelheceu. Com um número de idosos que quase duplica o número de jovens, a população da cidade regista um grau de envelhecimento superior ao do país.

Aparentemente, a ideia de uma Lisboa mais dinâmica não parece, portanto, estar de acordo com alguns factos, como a diminuição do número de residentes ou o envelhecimento demográfico. Porém,

tudo volta a ganhar sentido se expandirmos o nosso olhar em direcção a outras realidades que entretanto ganharam força.

Como todas as outras cidades europeias, Lisboa teve que abrir espaços de consumo ou de trabalho para os muitos milhares que aí querem aceder todos os dias em busca da sua modernidade, cultura e lazer, mas também para beneficiarem da sua oferta de trabalho e de serviços. Por isso, conta com uma presença bem mais significativa de estrangeiros (e não apenas turistas). Por isso, as suas “portas” estenderam-se muito para além das fronteiras físicas da cidade, para os territórios circundantes. Na Grande Lisboa residem mais de dois milhões de pessoas. E a área metropolitana de Lisboa consolidou a sua importância, com tantos territórios em seu redor, como Sintra, por exemplo (o segundo município de Portugal com mais habitantes), a apresentarem aumentos populacionais exponenciais nestas últimas décadas.

Lisboa é, assim, cada vez menos pertença exclusiva dos seus residentes. Muitos dos que aqui vivem diariamente – e que aqui nasceram ou cresceram – residem hoje fora dos limites administrativos por razões, não raro, exteriores à sua vontade e talvez sintam mais Lisboa como a sua cidade do que muitos dos que aqui residiam há 50 anos com o coração prisioneiro da sua província perdida. O movimento quotidiano de pessoas marca, assim, a cidade de novas dinâmicas que vão muito para além das suas fronteiras físicas. E, por isso, Lisboa tem hoje muito mais vida que no passado. ■

Saúde em Lisboa

[Mário Cordeiro]

Pediatra, Professor de Saúde Pública

Prezo-me de trabalhar em Lisboa e de ter nascido nesta bela cidade. Orgulho-me disso. E pude, ao longo da minha vida profissional, colaborar com algumas entidades da cidade, designadamente a Câmara Municipal e a Sub-Região de Saúde, a DREL ou as autoridades relacionadas com a prevenção dos acidentes. Lisboa é uma cidade de desafios, com os problemas inerentes ao chamado “4º Mundo”, designação que cobre os imigrantes internos das décadas de 1960 e 1970, e mais recentemente os de outros países e de outras culturas. Pelo meio, esteve também a absorção dos “retornados” das ex-colónias.

Estas alterações da demografia e do tecido social da cidade, num intervalo relativamente curto de tempo, associado a uma explosão habitacional, mudanças de paradigmas de vida, utilização excessiva do automóvel e aumento brutal da população escolar, com aumento, também, da esperança média de vida, transformaram a cidade e as suas necessidades de saúde.

Analisando os indicadores do retrato sobre a saúde, fico a pensar que não são suficientes para dizer algo sobre a saúde dos cidadãos da capital; pelo contrário, poderão induzir erradamente quem

os lê sem algum aprofundamento: veja-se o caso do número de habitantes por médico: 66,8 para a cidade, o que representa menos de metade da Grande Lisboa e cerca de um quarto do país. Todavia, este indicador não nos oferece nenhuma conclusão, porque estamos a comparar o incomparável: sendo a capital, alberga – como em todo o Mundo desenvolvido – os serviços especializados que não existem (e bem!) em todos os locais, dado que concentram a massa crítica de pacientes e o *know-how* e a casuística dos especialistas, que ainda por cima devem trabalhar em equipa, concentrando esforços, técnicas e saberes. O mesmo se dirá do gráfico seguinte, relativo ao número de hospitais e centros de saúde: para dar um exemplo, quando falamos em 39 hospitais, não podemos comparar o Hospital de Santa Maria com o Hospital de São Roque, a CUF Descobertas com São Luiz.

Por outro lado, quando se fala de consultas e internamentos, mais do que os números (quantos serão lisboetas? Quantos serão da área de atracção do respectivo serviço? Quantos serão referenciados?), importa saber quantos vieram porque tinham de vir, quantos foram esquecidos, quantos vieram desnecessária ou repetidamente? E quais as razões dessas consultas e desses internamentos?

Em suma: para traçar um quadro sobre a Saúde em Lisboa, são necessários múltiplos indicadores, desde demográficos a gerais, como saneamento básico, água, electricidade, gás, esgotos, medidas preventivas de doenças e promoção de saúde, factores protectores, factores de risco, nutrição, traumatismos, ferimentos e lesões acidentais (nos atropelamentos, por exemplo, Lisboa é, infelizmente, “campeã”), doenças evitáveis, mortes evitáveis, qualidade de vida,

poluição, qualidade do ar e da habitação, qualidade das escolas e dos locais de trabalho, stresse, transportes, actividades lúdicas... enfim, um sem-número de indicadores que devem ser incluídos porque Saúde é um conceito que integra as múltiplas facetas da vida.

A cidade melhorou em termos de Saúde – disso não tenho dúvida – mas adivinha-se isso mais pelos indicadores de outros capítulos do que propriamente pelos do capítulo... da Saúde. ■

Lisboa com espaços para viver

[Teresa Barata Salgueiro]

Professora Universitária, Universidade de Lisboa, IGOT

Lisboa é o centro de uma região metropolitana com quase três milhões de habitantes. Neste conjunto, o modelo de cidade densa e compacta materializado nos centros mais populosos, com destaque para o município de Lisboa, coexiste com o da cidade difusa e dispersa das baixas densidades das periferias.

O centro da região urbana distingue-se pela perda continuada de residentes, fortíssimo índice de envelhecimento, e pela elevada frequência de famílias unipessoais, em grande parte constituídas por idosos. O perfil edificado caracteriza-se por edifícios com um número de alojamentos maior que a média do país e uma maior importância do arrendamento, o que traduz os diferentes tempos do ciclo de desenvolvimento num conjunto que continua a ser palco de importantes processos de recomposição social e espacial.

Enquanto os territórios da coroa suburbana tiveram um crescimento muito rápido num período de grande *boom* na construção para venda e de acesso ao crédito fácil, em Lisboa predomina o modelo tradicional do prédio para rendimento através do aluguer e verificou-se um grande investimento em habitação social, responsável pela erradicação das barracas, o que também contribuiu para o aumento das casas arrendadas. Nas últimas décadas, porém, têm-se vindo a alterar as condições de propriedade dos alojamentos na capital.

A perda progressiva de residentes, que atingiu 260 mil pessoas entre 1981 e 2011, decorre da elevada taxa de envelhecimento e do aumento da mobilidade residencial, pois tanto o saldo natural como o saldo migratório são negativos. O êxodo de populações de todo o país contribuiu para o crescimento de Lisboa e deu origem à formação da região metropolitana. Lisboa perde residentes a favor dos outros concelhos mas continua a receber novos residentes responsáveis pela alteração nas características sociodemográficas, pois está a verificar-se uma apropriação das áreas mais prestigiadas e centrais por grupos com capacidade económica.

Estudos sobre os novos residentes revelam a importância dos estrangeiros, dos estudantes do ensino superior ou dos profissionais em início de carreira, populações jovens com qualificações acima da média e um nível social mais elevado que contribuem para o aumento do peso relativo destes grupos socioeconómicos e para a dualização na população da cidade, mas também para a renovação dos estilos de vida, para a pluralidade das formas culturais que são a base da criatividade e da inovação que sempre fez a cidade. A dimensão familiar que neles predomina é pequena, provavelmente incluindo situações de recomposição familiar relacionadas com o casamento e o divórcio.

Numa Lisboa que quase esgotou os terrenos livres para novas urbanizações, onde ainda existem muitas famílias a viver em prédios degradados, o grande número de alojamento vago merece reflexão sobre as suas causas e exige medidas de política concertadas entre a autarquia e o governo central, tanto mais que uma percentagem muito expressiva destes alojamentos encontra-se em prédios que não precisam de grandes reparações. ■

Uma publicação da



Em colaboração com



ISBN 978-989-8424-95-2

